



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

SUSANA ELLEN DUTRA FEITOSA

**A ANDRAGOGIA E A PEDAGOGIA NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA NO 3º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL E NA TURMA DA EJA DE UMA ESCOLA MUNICIPAL EM
PICOS-PI.**

PICOS

2015

SUSANA ELLEN DUTRA FEITOSA

**A ANDRAGOGIA E A PEDAGOGIA NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA NA 3ª SÉRIE DO ENSINO
FUNDAMENTAL E NA TURMA DO EJA DE UMA ESCOLA MUNICIPAL EM
PICOS-PI.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora da
Universidade Federal do Piauí, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Fernandes
Torres.

PICOS-PI

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

F311a Feitosa, Susana Ellen Dutra.

A andragogia e a pedagogia no processo de ensino aprendizagem de língua portuguesa na 3ª série do ensino fundamental e na turma da EJA da escola municipal em Picos-PI / Susana Ellen Dutra. – 2015.

46 f

Monografia(Licenciatura Plena em Letras)- Universidade Federal do Piauí. Picos, 2015.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres

1.Ensino-Aprendizagem. 2. Andragogia. 3. Língua Portuguesa-EJA. I. Título.

CDD 469.07

SUSANA ELLEN DUTRA FEITOSA

**A ANDRAGOGIA E A PEDAGOGIA NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA NA 3ª SÉRIE DO ENSINO
FUNDAMENTAL E NA TURMA DO EJA DE UMA ESCOLA MUNICIPAL EM
PICOS-PI.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora da
Universidade Federal do Piauí, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Fernandes
Torres.

Aprovada em: 10 / 07 / 15

BANCA EXAMINADORA

Fábio Fernandes Torres

Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres
Orientador – UFPI

Luiz Egito de Souza Barros

Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros
Examinador-UFPI

Fernanda Martins Luz

Profª. Ma. Fernanda Martins Luz
Examinadora – UFPI

Dedico especialmente aos meus pais por estarem sempre presentes na minha vida, principalmente nessa etapa de desafios e de superação, e aos meus irmãos por sempre me encorajarem e nunca deixarem desanimar.

AGRADECIMENTOS

Fruto de muito estudo e dedicação, este trabalho contou com o apoio e a colaboração de muitas pessoas. E neste momento não posso esquecer aqueles que foram os maiores responsáveis por essa conquista, pois essa vitória não é só minha, mas de todos que me amam e estiveram comigo nesta caminhada, pois sei que de forma direta ou indireta, me ajudaram a realizar esse sonho, aos quais dedico os meus agradecimentos especiais:

Aos meus pais, Mazé e Ricardo, pelo amor em mim depositado, que sempre me acompanharam nessa trajetória, me apoiando e me incentivando, por nunca me deixarem desistir.

Aos meus queridos irmãos, Layon, Leonardo e Allan, sempre pelo companheirismo, a amizade verdadeira, pois sempre estiveram comigo em todos os momentos de desespero.

Aos meus familiares, a família Dutra e Feitosa (avós, tios, primos), que mesmo estando distantes sei que me apoiaram com muito amor e carinho.

Aos novos amigos que conquistei e aos velhos amigos, por me mostrarem o verdadeiro valor de uma amizade.

Ao meu orientador, Fábio Torres, pela paciência, pelas palavras de encorajamento, por ter me ajudado, principalmente com os puxões de orelha, pois sei que com eles ficou mais fácil superar essa difícil etapa da minha vida. Que Deus abençoe sempre a sua vida e lhe dê ainda mais sabedoria e muitas felicidades ao lado da sua família.

A todos os mestres por dedicar seu tempo e sua sabedoria para que minha formação fosse um aprendizado de vida.

Meu eterno AGRADECIMENTO!

“Ninguém educa ninguém, nem ninguém aprende sozinho, aprendemos através do mundo, pois ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho destina-se a analisar de que forma se dá o método de ensino-aprendizagem de língua portuguesa na turma do 3º ano do ensino fundamental e na turma da EJA da Escola Municipal Padre Madeira, na cidade de Picos-PI, faz referência aos métodos de ensino-aprendizagem utilizados na andragogia, estabelecer a distinção entre os princípios metodológicos da pedagogia e da Andragogia, descrever os princípios fundamentais da andragogia, analisar como se dá o ensino da escrita, leitura e gramática e investigar os métodos de ensino-aprendizagem usados pelo professor em salas da EJA. Para a realização da pesquisa fez-se um levantamento bibliográfico sobre o tema com base nos autores como Neves (2003), Paulo Freire (1968), Claparede (s/d), Malcolm Knowles (1970), Vilarinho (1985) e nos PCNs (1997). Utilizou-se para a realização da pesquisa de campo a técnica de abordagem qualitativa, no qual se observa as turmas e posteriormente se interpreta os fatos e busca-se a solução para o problema. A partir da realização da pesquisa pode-se observar que o ensino-aprendizagem de língua portuguesa para os alunos da EJA baseado no método andragógico é de fundamental importância, pois esse método de ensino trabalha as especificidades de uma sala onde se ensina os adultos, que é o foco da EJA.

Palavras-chaves: Ensino-aprendizagem. Andragogia. Língua portuguesa. EJA.

ABSTRACT

This work is intended to analyze how to give the Portuguese language teaching and learning method in the class of the 3rd year of elementary school and the class of the EJA of the Municipal School Padre Madeira in the city of Picos-PI, makes reference to the teaching and learning methods used in andragogy, to distinguish between the methodological principles of pedagogy and andragogy, describe the fundamental principles of andragogy, analyze how is the teaching of writing, reading and grammar and investigate the teaching and learning methods used by the teacher in the adult education rooms. For the research was done a literature review on the topic based on authors such as Neves (2003), Paulo Freire (1968), Claparede (s / d), Malcolm Knowles (1970), Vilarinho (1985) and PCNs (1997). It was used to carry out the field research the qualitative approach technique, in which one observes the classes and subsequently interprets the facts and the solution is sought to the problem. From the accomplishment of the research can be seen that the teaching and learning of Portuguese language for students of EJA based on andragogical method is extremely important because this teaching method works the specifics of a room where he teaches adults who It is the focus of adult education.

Keywords: Teaching-learning. Andragogy. Portuguese language. EJA.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: EDUCAÇÃO DE ADULTOS	14
1.1 Breve histórico da educação de adultos no Brasil	14
1.2 A andragogia como processo de ensino de adultos	18
1.3 Metodologia de ensino: Pedagogia x Andragogia.....	21
CAPÍTULO II: PEDAGOGIA X ANDRAGOGIA: ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	24
2.1 O professor e o facilitador	24
2.2 As orientações dos PCNs	26
2.3 O ensino da leitura – Desenvolvimento da leitura.....	28
2.4 O ensino da escrita – Aquisição da escrita	29
CAPÍTULO III: METODOLOGIA.....	31
3.1 Tipo de pesquisa.....	31
3.2 Passos da pesquisa.....	32
4. ANÁLISES E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	47

INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem de crianças e adultos possui as suas diferenças e elas precisam ser levadas em consideração, pois o ensino para as crianças conduz a uma postura dependente, primeiramente com os pais e posteriormente com os professores, essa dependência passa a ser um componente natural do dia a dia e na educação, já o ensino dos adultos, na fase madura, ele já traz essa independência.

O que pode ser entendido por educação/ensino de adultos, é que esse processo de formação se inicia com maiores de 18 anos que não tiveram acesso ao sistema educativo, ou por algum motivo tiveram que sair sem termina-lo ou concluí-lo. Esse processo permite que o aluno adulto desenvolva aptidões, passe a enriquecer seus conhecimentos, melhora as competências que possui, sendo elas profissionais ou técnicas, que ajudarão a enfrentar os desafios da sociedade frente ao mundo de trabalho, da família, da comunidade, do meio ambiente e da saúde em contextos distintos socioculturais.

Mesmo a frente de tantas mudanças e transformações na vida do ser humano, os sistemas tradicionais de ensino continuam estruturados com a mesma pedagogia que é utilizada para as crianças devesse ser aplicada para educar dos adultos também. Então, se faz necessário buscar um novo caminho educacional para que possa compreender que o adulto é competente a todos os componentes humanos e que decide como um ente psicológico, biológico e social, onde isso promoverá o aprendizado através das experiências, assimilando os conhecimentos através do fazer, aprender fazendo.

O modelo de ensino-aprendizagem da andragogia, que iremos abordar no tema desse trabalho, remete ao conceito de educação voltada para os adultos, em contraposição à pedagogia, que refere a educação de crianças.

Desta forma, pretende-se nesse referido trabalho analisar de que forma se dá o método de ensino-aprendizagem de língua portuguesa na turma da EJA da Escola Municipal Padre Madeira, na cidade de Picos-PI, fazendo referencia aos métodos de ensino-aprendizagem utilizados na andragogia,

estabelecer a distinção entre os princípios metodológicos da pedagogia e da Andragogia, descrever os princípios fundamentais da andragogia, analisar como se dá o ensino da escrita, leitura e gramática e investigar os métodos de ensino-aprendizagem usados pelo professor em salas da EJA.

O primeiro capítulo retrata o contexto inicial da educação no Brasil. Levando em conta a necessidade de conversão dos índios à fé católica na época da chegada dos portugueses, essa “educação” foi-lhes dada sob a forma de catolicismo por meio dos padres jesuítas. No século XIX foi promulgada a primeira Lei geral da educação com o objetivo de criar as primeiras escolas elementares, secundárias e superiores no país e no ano de 1840 surgiu o ensino das primeiras letras aos adultos em cursos profissionalizantes. Além disso, 29 anos depois foram abertas escolas em períodos noturnos e domingos para agilizar a escolarização e aumentar o número de adultos alfabetizados.

Entretanto, ainda se faziam necessárias mudanças para superar as questões sociais decorrentes das diferenças entre as classes, ampliar as condições de educação e melhorar a qualidade do ensino que vinha sendo praticado. Medidas como a educação libertadora de Paulo Freire, o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) e a Fundação Educar foram tentativas para expansão e melhoria da educação de adultos que, no entanto, foram perdendo espaço e incentivos por parte do governo.

Neste capítulo trata-se também da criação do Programa Brasil Alfabetizado e ações de continuidade da EJA, que assegurou o ensino de adultos através da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), levando incentivo à permanência de jovens e adultos na escola. Assim como é importante ressaltar as características da pedagogia e da andragogia acerca dos seus objetos de estudo e diferenças metodológicas.

No segundo capítulo iremos abordar um pouco como se diferenciam os professores no método pedagógico e andragógico, fazer um pequeno diferencial entre as metodologias utilizadas por cada um deles e posteriormente iremos abordar as orientações dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) para o ensino da língua portuguesa, partindo do ensino da língua oral e posteriormente para o ensino da escrita.

No terceiro capítulo falamos sobre a metodologia utilizada e os passos da pesquisa de campo, onde utilizamos a abordagem qualitativa, na qual se interpreta os fatos e se busca a solução para os problemas encontrados.

No quarto e último capítulo fazemos a análise dos dados coletados e das observações realizadas com os alunos da Unidade Escolar Padre Madeira, bem como da professora, com a abordagem dos alunos das salas observadas, análise esta que segue a apresentação da metodologia usada para a realização desse trabalho.

Analizamos as observações que foram feitas referentes à aquisição da escrita, o desenvolvimento da leitura e o ensino da gramática também a postura do professor mediante os alunos na sala de aula.

Os principais autores que serviram de embasamento para a realização do referido trabalho foram: Neves (2003), Paulo Freire (1968), Claparede (s/d), Malcolm Knowles (1970), Vilarinho (1985) e os PCNs (1997), sendo suas obras fundamentais para a defesa deste tema.

Ressalta-se aqui a importância de uma educação adequada para cada faixa etária na Unidade Escolar Padre Madeira, tendo em vista apresentar as vantagens do uso do método didático da andragogia, numa perspectiva de melhorar o ensino da referida escola, possibilitando a seus alunos uma educação voltada para a realidade em que estão inseridos.

Portanto, abordaremos no tópico que segue, um breve contexto histórico da educação no Brasil, as dificuldades que os jovens e adultos encontravam para ter direito a uma educação e como se encontra a educação atual.

CAPÍTULO I: Educação de Adultos

1.1 Breve histórico da educação de adultos no Brasil

Primeiramente, antes de começarmos a tratar especificamente da educação de adultos, ou seja, da andragogia, faz-se necessário um retorno no tempo para verificarmos o ponto de partida de uma educação diferenciada para os adultos.

A preocupação com a educação de adultos já vem sendo tratada há muito tempo, que remonta ao início da colonização dos portugueses aqui no Brasil, pois à medida que a colonização ia crescendo, havia uma necessidade de “educar” os índios do Brasil. Essa educação era dada através da introdução ou conversão dos índios à fé do catolicismo das igrejas, por intermédio dos padres jesuítas.

A primeira lei que foi promulgada aqui no Brasil, ocorreu em 1827, no período colonial, considerada a primeira lei geral da educação, que tinha como objetivo "construir um sistema nacional de educação escolar composto por escolas elementares, secundárias e superiores" (NEVES, 2003, p. 15).

No ano de 1840, surge o ensino das primeiras letras aos adultos em cursos profissionalizantes; em 1869 com o objetivo de agilizar o processo de escolarização e atender a um maior número de adultos analfabetos, foram abertas escolas em período noturno e aos domingos.

Já no período republicano, de uma maneira geral, a educação no país não mudara muito, continuando parada e, gradativamente, o número de pessoas que não eram escolarizadas permanecia aumentando, onde eram evidenciadas pelas questões sociais, ou seja, pela grande diferença entre as classes sociais.

Entretanto, diversos educadores da época republicana, como Lourenço Filho e Anísio Teixeira, procuravam montar um sistema educacional que tivesse a iniciativa de ampliar as condições de educação, dentre essas iniciativas havia o aumento de escolas e a melhoria na qualidade do ensino no país.

Atendendo ao pedido da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), foi aprovado em janeiro de 1947, o Plano de Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos. Seu primeiro idealizador e coordenador foi Lourenço Filho, que atuou em favor da educação de jovens e adultos analfabetos como um grande movimento de mobilização nacional. A ação dessa campanha estava claramente orientada para o atendimento das exigências da cidadania. Todo o esforço para a educação popular, naquele momento, era real. Segundo Lourenço Filho (1949),

era necessário educar o adulto, antes de tudo, para que esse marginalismo desaparecesse e o país pudesse ser homogêneo, mais coeso e mais solidário e para que cada homem ou mulher melhor pudesse ajustar-se à vida social e às preocupações do bem-estar e do progresso social (LOURENÇO FILHO, 1949, pag.49).

Em 1963, a Campanha Nacional de Educação se encerrou, mas ainda haviam várias necessidades a serem aplicadas, como a adequação dos conteúdos e métodos de ensino às características socioculturais das classes populares e também deveria haver uma maior comunicação entre o educador e o educando. Após o encerramento da campanha, o Ministério da Educação encarregou Paulo Freire à criação de um novo programa nacional de alfabetização, esse embasado na educação de Jovens e Adultos.

Até a década de 40, a educação de adultos era tida como uma extensão da escola formal, já na década de 50 a educação de adultos passou a ser entendida como uma educação base, que tinha desenvolvimento comunitário. Com isso, surge, no final dessa década, duas tendências de valor significativo na educação de adultos, entendida, de um lado, como educação libertadora (conscientizadora), ensinada por Paulo Freire e de outro, como educação funcional (profissional).

A educação libertadora proposta por Paulo Freire, por ser libertadora e ao mesmo tempo educativa, serviria como um importante instrumento de liberdade do homem diante da opressão, pois ela demonstra sua preocupação com a realidade vivida pelo educando, propondo uma mudança prática no ambiente escolar, de maneira dinâmica, conforme a realidade única de cada educando. Freire (1968, p. 24) propõe uma “pedagogia que faça da opressão e

de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará”.

A educação funcional, por sua vez, segundo Claparède, é aquela que é completamente fundada na necessidade e nos interesses psíquicos dela resultantes. Segundo o autor citado, para ser aplicado o princípio de educação funcional nas escolas, é preciso considerar a psicologia da criança, visto que ela não é um adulto em miniatura e sim um ser que tem vida própria e possui seus próprios interesses. (CLAPARÈDE, s/d).

A educação funcional visa a uma ação psicológica no educando e, para tanto, os professores têm que conhecer melhor as crianças para assim poder educá-las. Há, assim, uma relação igualitária entre professor e aluno, em que criança participa ativamente do processo de aprendizagem. Claparède defende que a escola deve ser mais democrática e valorizar mais a criança.

Na década de 70, essas duas correntes ainda continuaram a ser entendidas como educação não formal e como uma forma de suprir as necessidades da educação regular. Com isso, foi desenvolvida no Brasil uma corrente que se tornou conhecida como sistema MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que propunha princípios opostos aos propostos por Paulo Freire.

O Mobreal funcionava com uma estrutura paralela e autônoma em relação ao Ministério da Educação. Desse modo, reedita uma campanha em âmbito nacional conclamando a população a fazer a sua parte, com o tema: “você também é responsável, então me ensine a escrever, eu tenho a minha mão domável, eu sinto a sede do saber”. O Mobreal surge com força e muitos recursos. Recruta alfabetizadores sem muitas exigências: repete-se, assim, a despreocupação com o fazer e o saber docentes – qualquer um que saiba ler e escrever pode também ensinar. Qualquer um, de qualquer forma e ganhando qualquer coisa (GALVAO; SOARES, 2004). Dessa maneira, foram recrutadas pessoas que sabiam ler e escrever, para ensinarem outras pessoas a ler e a escrever.

Para simplificar os acontecimentos ocorridos em contexto histórico, de acordo com Paiva (2000, *apud* GADOTTI, 1995, p. 31), a educação de adultos, pode ser dividida em três períodos:

Período que se estende de 1946 a 1958, temos como o primeiro período, onde foram realizados nessa época campanhas nacionais com o propósito de erradicar o analfabetismo no Brasil;

Temos como o segundo período os anos de 1958 a 1964, onde foi realizado o 2º Congresso Nacional de Educação de adultos, tendo como principal participante Paulo Freire. Foi com esse Congresso que foram abertas as portas para o problema da alfabetização, assim, desencadeando o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, dirigido por Paulo Freire e que foi extinto pelo Golpe de Estado em 1964;

Na década de 70 teremos então o terceiro período, com a criação do MOBRAL, que era visado como um sistema que tinha como objetivo dar um controle à alfabetização da população, principalmente na zona rural. Em 1985, com a “Nova República”, houve a extinção do MOBRAL e foi criada a Fundação Educar. Sendo assim, a educação de adultos foi enterrada pela “Nova República”.

Em 1990, houve o fechamento da Fundação Educar e o Governo Federal ausentou-se das obrigações educacionais, ocorrendo, assim, um esvaziamento constatado por motivos de inexistência de um órgão ou setor do Ministério da Educação que tratasse dessa modalidade de ensino, a educação de adultos. Isso fez com que a falta de recursos financeiros, juntamente com a escassa produção de estudos sobre essa modalidade, contribuíssem para que essa educação se tornasse apenas mais uma “reprodução” do ensino para jovens e adultos.

Na gestão de 2002, no então governo de Luís Inácio Lula da Silva, foi criado o programa Brasil Alfabetizado e das ações de continuidade da EJA, onde a educação para jovens e adultos passou a ser assegurada pela lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), assegurando aos que não tiveram acesso à educação na idade própria, a estimulação e permanência do jovem e do adulto na escola.

1.2 A andragogia como processo de ensino de adultos

Segundo Knowles (1970, p. 43), a andragogia é “arte e a ciência destinada a auxiliar os adultos a aprender e a compreender o processo de aprendizagem de adultos”. É um modelo de ensino, que foi criado em contraposição à pedagogia, sendo, assim, um modelo que reúne uma série de princípios que visam facilitar a aprendizagem nos adultos. A andragogia busca entender o adulto, considerando seus aspectos sociais, psicológicos e biológicos. Pierre Furter (1976) afirma que a andragogia é um conceito amplo de educação do ser humano, em qualquer idade. Já a UNESCO (2005), utilizou o termo andragogia para se referir à educação continuada.

Em 1950, Malcolm Knowles começou seus estudos na tentativa de formular a Teoria de Aprendizagem de Adultos, mas apenas em 1960 teve contato com a palavra andragogia, pela primeira vez, através de um educador iugoslavo, que participava de um Workshop de Verão na Universidade de Boston. A partir desse momento, Knowles entendeu o significado da palavra e a adotou como a mais adequada para expressar a arte e ciência de ajudar os adultos a aprenderem.

Quando Knowles começou a construir o modelo andragógico de educação, ele o concebeu como a antítese do modelo pedagógico: "Andragogia x Pedagogia". Segundo sua análise, o modelo pedagógico preconiza total responsabilidade do professor para as decisões sobre o que será ensinado, como será ensinado e se foi aprendido. A educação dirigida pelo professor deixa para o aprendiz apenas o papel de submissão às suas instruções. A partir das análises de Knowles, as premissas pedagógicas acerca do aprendiz resumem-se em seis:

a) *A necessidade de conhecer* - aprendizes necessitam saber somente o que o professor tem a ensinar, se eles querem ser aprovados; eles não precisam saber o como aplicarão o ensinamento em suas vidas;

b) *O autoconceito do aprendiz* - o conceito do professor sobre o aprendiz é o de uma pessoa dependente, por isto, o autoconceito do aprendiz se torna o de personalidade dependente;

c) *O papel da experiência* - a experiência do aprendiz tem pouco valor como fonte de aprendizagem; a experiência considerada é a do professor, do livro didático, do escritor e dos recursos audiovisuais. Por isto, técnicas de transmissão – leituras, dever de casa etc. são a essência da metodologia pedagógica;

d) *Prontidão para aprender* - aprendizes estão prontos para aprender o que o professor determina que eles devem aprender, se eles querem passar de ano;

e) *Orientação para aprendizagem* - aprendizes têm a orientação de aprendizagem voltada para disciplinas; eles vêem o aprendizado como uma aquisição de conteúdos. Por isto, as experiências de aprendizagem são organizadas de acordo com a lógica de conteúdo programático; e

f) *Motivação* - aprendizes são motivados a aprenderem através de motivadores externos, tais como notas, aprovação/reprovação, pressões dos pais, etc. (1973, p.45)

A partir dessas premissas pedagógicas mencionadas, a andragogia começou a se perguntar sobre a validade das mesmas para também relacioná-las à educação dos adultos. Para Freire (1994), as premissas pedagógicas não se aplicariam aos adultos, pois o adulto se relaciona de maneira diferente de uma criança em relação à educação que lhe é dada. Sendo assim, as premissas teriam que ter uma “adaptação” para a educação dos adultos, como destaca o referido autor nas linhas que seguem:

o respeito à maioria da pessoa madura é o ponto fundamental para se estabelecer uma relação de efetiva aprendizagem. Esse respeito passa pela compreensão de que o adulto é sujeito da educação e não o objeto da mesma. Daí a inconveniência do professor como principal referência da relação educacional e a fonte do conhecimento a ser depositado no reservatório do aprendiz. (FREIRE, 1994, p. 57)

Paulo Freire se refere ao adulto como o sujeito da sua própria educação e o professor passa a ser a fonte que irá alimentar o adulto, adicionando conhecimento aos do educando, assim o educador contribuirá para o aumento do reservatório de conhecimentos do aprendiz. Mas deve ser questionado: o que é o adulto? No plano semântico, diz-se que o adulto é o indivíduo que

atingiu o máximo de seu crescimento, que esteja completamente desenvolvido e maduro. Em termos fisiológicos, o adulto é aquele que se encontra em plenitude de suas funções biológicas e que tem a capacidade de reprodução. Em aspectos legais, é aquele que já pode casar, dirigir, beber, trabalhar, tem idade para votar etc., é um ser social que possui autoconceito, autorresponsável e é condutor de si próprio, conforme Patrocínio (2014).

É nessas últimas duas definições de adulto, como sendo um ser social que já possui um autoconceito e é condutor de si próprio, que a andragogia se prende para a definição de adulto. É a partir de um autoconceito formado que podemos discernir um adulto de uma criança, pois esta ainda precisa de alguém para guiá-la, ensiná-la as propostas do que é certo ou errado. Além disso, o adulto já tem sua própria consciência formada, assim havendo mais trocas de informações com os facilitadores.

Knowles (2005), afirma, ainda, que o comportamento do aprendiz varia de acordo com a aprendizagem e que situações da vida afetam também o estilo andragógico de aprendizagem. Experiências passadas e atuais também ajudam a formatar a aprendizagem, sendo que adultos aprendem mais no contexto da vida real, sendo motivados em aprender para solucionar problemas.

Sabemos que à medida que as pessoas amadurecem, sofrem transformações como: passar de dependentes para indivíduos independentes (autodirecionados); acumular experiências de vida que vão fundamentar o substrato de seu aprendizado; direcionar seus interesses para o desenvolvimento das habilidades que utiliza em seu papel social; esperar uma imediata aplicação prática do que aprendem; preferir aprender para resolver problemas e desafios e passar a apresentar motivações internas mais intensas do que motivações externas, conforme Knowles (2005).

A partir desses seres maduros, independentes e autodirecionados, a andragogia busca metodologias adequadas para a educação dos mesmos, com o objetivo de obter melhores resultados a cada etapa de escolarização dos adultos, pois com motivações, internas e externas eficazes, o aluno andragogo aprenderá mais e melhor.

1.3 Metodologia de ensino: Pedagogia x Andragogia

Ao analisarmos a pedagogia e a andragogia, percebemos que as duas áreas tem em comum o “aprendizado” como objeto de estudo, mas que se diferenciam em diversas características metodológicas. Enquanto a pedagogia é o ensino para crianças, a andragogia é definida como educação para adultos. Então, podemos perceber que as duas áreas de ensino-aprendizagem aparentemente são semelhantes, pois tem o objetivo de transmitir os conhecimentos, mas são diferenciadas na maneira como passa esses conhecimentos e ao seu alvo de ensino.

Etmologicamente, a palavra “pedagogia” vem do grego antigo e pode ser decomposta nos seguintes termos: *paidós*, que significa criança; *agein* que quer dizer conduzir e *logos* que é ciência. Tem-se então uma ciência que conduz crianças, ou seja, uma ciência voltada para o ensino das crianças. Já a palavra “andragogia” é formada a partir da palavra *andros*, que significa adulto, e *agogôs*, que denota educar, ou seja, etmologicamente significa a ciência de educar adultos.

Tanto o pedagogo (pedagogia), quanto o facilitador (andragogia) criam as suas estratégias de ensinar ou repassar seus conhecimentos para seus alunos e são essas maneiras que nos permitem, enquanto educandos, olhar as várias possibilidades de construções de mundos. Poderemos ver mais abaixo as principais diferenças metodológicas da pedagogia e da andragogia, como essas duas ciências promovem seus ensinamentos, segundo os modelos de educação tradicional.

Na pedagogia, o público-alvo são as crianças e a postura do professor geralmente é autoritária, tornando assim o perfil do aluno reativo, que reage de acordo com o que o professor pede/manda em sala de aula. Já na andragogia, o público-alvo são os jovens e adultos e o professor pode adotar uma postura mais democrática, pois leva sempre em consideração o que o aluno já sabe, tornando assim seu aprendiz um aluno com um perfil criativo.

A principal metodologia de ensino (tradicional) da pedagogia é a memorização, cuja finalidade é a repetição, o aluno fica retido aos seus livros e exercícios, tentando memorizá-los ao invés de aprender o conteúdo. A andragogia tem como principal metodologia a participação, cuja finalidade é a inovação - o professor é tido como facilitador, aproveitando o que o aluno já sabe e acrescentando seus conhecimentos aos dele.

Na pedagogia, a estrutura de ensino é hierárquica, ou seja, está centralizada no professor, que é a autoridade máxima dentro da sala de aula, transformando o clima na sala em coação do aluno. Já a natureza de ensino da andragogia é horizontal, isto é, baseada na interação entre facilitador e aprendiz e está alicerçada nos princípios da participação e horizontalidade. Nessa perspectiva, o mestre, no caso o facilitador, e os alunos, no caso os participantes, sabem que têm funções diferentes, mas não há superioridade e nem inferioridade - o clima torna-se de ação conjunta entre professor e aluno.

Antes de tudo, o processo de ensino-aprendizagem é uma relação de interação e comunicação que se manifesta no processo metodológico. Na metodologia tradicional, o professor transmite as informações prontas para o aluno, que acabam sendo centradas e unidirecionadas pelo professor. Na metodologia ativa, onde o aluno é protagonista e o professor apenas um mediador de seu aprendizado, como vimos na andragogia, há sempre uma reciprocidade na comunicação entre o facilitador e o aprendiz.

Temos então, na metodologia pedagógica, um dos elementos de ação que necessitam de uma maior inovação, pois ensinar é tão importante quanto o que se é aprendido. No entanto, notamos que as escolas sempre priorizam mais o que se aprende e deixam um pouco de lado os processos de aprendizagem, focando mais no produto, nos resultados.

Os métodos de ensino, de acordo com Vilarinho (1985), podem ser agrupados em três modalidades básicas:

“Métodos de ensino individualizado: a ênfase está na necessidade de se atender às diferenças individuais, como por exemplo: ritmo de trabalho, interesses, necessidades, aptidões,

predominando o estudo e a pesquisa, o contato entre os alunos é acidental;

Métodos de ensino socializado: o objetivo principal é o trabalho de grupo, com vistas à interação social e mental proveniente dessa modalidade de tarefa. A preocupação máxima é a integração do educando ao meio social e a troca de experiências significativas em níveis cognitivos e afetivos;

Métodos de ensino sócio individualizado: procura equilibrar a ação grupal e o esforço individual, no sentido de promover a adaptação do ensino ao educando e o ajustamento deste ao meio social. (VILARINHO, 1985, p. 52)”.
”

Como percebemos, todos esses métodos de ensino citados por Vilarinho têm como objetivo captar as capacidades de cada aluno, as formas que ele se relaciona de maneira individual e/ou coletiva, assim, essas metodologias procuram entender melhor seus educandos, ou seja, obter resultados e analisar as melhores maneiras para se aplicar essas metodologias. Não devemos nos esquecer de que, além de toda metodologia aplicada, o professor não é o único que ensina, mas que este também aprende com seus próprios ensinamentos. Geralmente, é a instituição de ensino e o professor que decidem o que, quando e como os alunos devem aprender e, para isso, os alunos devem adaptar-se às regras. Alguns alunos mantêm-se firmes em suas metas e projetos pessoais, mas outros acabam abrindo mão de suas iniciativas e, à medida que o tempo passa, continuam dependentes, desde os primeiros anos escolares.

Portanto, sempre temos que estar atentos e adotar metodologias flexíveis, sempre considerar as estratégias instrutivas, em função do tipo de conteúdo que serão desenvolvidos para adaptá-los às diferentes necessidades de um aluno e/ou da sala de aula. Para isso, abordaremos nesse referido trabalho, a temática andragogia como metodologia de ensino, se ela esta inserida no ambiente educacional e como ela funciona, fazendo alguns comparativos, no âmbito da aprendizagem da escrita e da leitura, entre a terceira serie do ensino fundamental I e a turma do EJA.

CAPÍTULO II: PEDAGOGIA X ANDRAGOGIA: O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Nós nascemos, crescemos, nos desenvolvemos e morremos, e no decorrer da existência de cada indivíduo há a necessidade de que cada um dos indivíduos esteja apto para compreender os demais e fazer-se ser entendido por eles. É necessário o domínio da língua na maior parte da vida cotidiana, onde a língua implicaria ao entendimento e colaboração dos outros. Aquele ou aquela que cuja linguagem é mais rica, que a usa com mais facilidade, terá, evidentemente, uma maior vantagem sobre os seus interlocutores em situações que tratem de problemas difíceis e delicados.

O ensino da língua materna nos anos iniciais tem se restringido, em grande parte, ao ensino de definições da gramática normativa, nessa perspectiva, os alunos devem aprender a analisar a língua ao invés de se habilitarem a um bom desempenho linguístico. A partir dessa perspectiva iremos verificar como se dá o ensino de língua portuguesa através da escrita e da leitura nas séries iniciais e como também é feito no EJA. Para isso dividiremos em quatro temas para abordarmos melhor a questão, seguindo eles abaixo:

2.1 O professor e o facilitador

Como já vimos anteriormente, nos temos o pedagogo que utiliza-se dos métodos pedagógicos para ensinar seus alunos e o facilitador que utiliza-se dos métodos andragógicos para ensinar seus aprendizes adultos. Agora iremos aprofundar mais sobre os métodos utilizados por esses para transmitir seus conhecimentos para seus alunos.

O instrutor da educação de adultos não é o professor, aquele que fica falando na frente dos alunos, o papel do instrutor para a educação de adultos é o de facilitador, ou seja, se torna um guia, aquele que indica o caminho, participando, também, até do aprendizado, podendo chegar até um ponto em que quase não conseguimos diferenciar o facilitador dos demais aprendizes. O

pedagogo tem uma autoridade sobre seus alunos, ele repassa o conteúdo para as crianças e elas têm de aprender, assimilar, não tendo troca de conhecimentos com o professor.

O facilitador tem suas funções como: definir o clima do grupo; gerar confiança mútua entre ele e os alunos e entre os próprios alunos, assim, gerando um ambiente livre e seguro para tirar as dúvidas, conflitos, debates; ele organiza e oferece conteúdos, textos, traz o uso da tecnologia, ferramentas, podendo até trazer pessoas convidadas para as suas facilitações. Podemos dizer que o pedagogo utiliza apenas os materiais didáticos para aquela determinada série e idade.

O facilitador é tido mais como um recurso flexível do aprendizado, às vezes, até como um conselheiro, um orientador, alguém que apenas tem mais experiência na área; toma a iniciativa em partilhar suas experiências e é o primeiro a manifestar as suas limitações; ensina por meio da investigação, sempre pergunta mais do que fala, dando preferência a perguntas divergentes, o questionamento é uma ferramenta usada para abrir mentes, assim, a aula vai sendo desenvolvida de acordo com as respostas, ideias que vem dos alunos; é estimulado uma interação maior entre aluno-aluno, mais que aluno-professor. O pedagogo tem mais uma postura de hierarquia, onde todos alunos se referem a ele como o detentor do conhecimento, ficando centrado a ele repassar tudo para seus alunos.

Ao final de cada aula andragógica, o facilitador deverá perguntar aos seus alunos a que foi construído naquele dia dentro de sala de aula, objetos de uma construção em conjunto. O facilitador deixa de ser a superioridade dentro da sala e passa a ser o líder das atividades em grupo e se preocupa muito com o aprendizado, com a capacidade de aprender, com a eficácia do aprendizado. O facilitador não pode dizer, ao terminar uma aula, eu ensinei, mas eles não aprenderam. Ele sempre tem que se preocupar se aquele aprendizado funciona. Há sempre uma interação maior dos grupos em aulas para adultos.

Então, o facilitador sempre deve estar aproveitando as experiências que os alunos já têm, propondo situações que vão ter ligações com o seu cotidiano, justificando a eles a necessidade do conhecimento na vida de cada um. O

facilitador sempre tem que estar envolvendo os alunos durante todo o processo de ensino, estimulando sua participação, interação com toda a turma. E o pedagogo, portanto, tem que ter muita responsabilidade nas mãos, pois talvez muitos de seus alunos possam ter grandes profissões ao crescerem e se formarem, ser pedagogo é muito mais que ser um educador, é ser responsável pela vida, pelo caminho de cada um desses futuros profissionais.

2.2 As orientações dos PCNs

Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) ressaltam na maior parte de suas orientações o quão importante é o papel do professor como mediador, durante o processo de aprendizagem da língua, pois é função fundamental dele mostrar ao aluno a importância do real significado que a palavra assume para o outro no processo de interlocução, pois sabemos que nossas opiniões apresentadas a outros assumem varias possibilidades de análise e reflexão e assim cada qual tira suas próprias conclusões.

Outro aspecto abordado pelos PCNs trata-se como um tratamento inovador a abordagem dos conteúdos, pois preconiza a atribuição de sentidos e a construção de significados sobre os conteúdos, opondo-se às perspectivas do ensino tradicional, pelo qual o professor repassava seus conteúdos onde se baseavam a uma recepção mecânica dos alunos, trazendo à tona a memorização e em especial, apenas, uma reprodução desse conteúdo.

Os PCNs recomendam a utilização de materiais didáticos variados, uma diversidade e multiplicidade de linguagens. Uma perspectiva de uma gama de múltiplos recursos didáticos, que ajudarão nos processos de ensino e aprendizagem, com linguagens variadas, como charges, cinema, literatura de cordel, revistas, tirinha. Isso representa a inserção de estratégias de ensino inovadoras para a construção do conhecimento do aluno.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais sugerem que o ensino de Língua portuguesa passe a focar principalmente o ensino, onde a perspectiva de atividades sociais e interacionistas ocorram por meio da mediação do

professor; a língua juntamente com suas diversidades, multiplicidades e plasticidades; e o aluno que é tido como sujeito do processo de ensino e de aprendizagem. O ensino de língua passa a primar pela perspectiva de formar um falante competente, que consiga utilizar as mais diversas modalidades da língua. Ainda segundo os PCNs

Para que essa mediação aconteça, o professor deverá planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno. (PCNs, 1997, p. 25).

Em relação às orientações didáticas, os PCNs preconizam que o professor passe a ser considerado mediador na construção social do conhecimento do aluno, ao contrario do que se via no método de ensino tradicional, onde docente era visto como centro do processo de ensino e o discente com o papel passivo, limitado a recepção e reprodução mecânica dos assuntos.

No processo andragógico, é necessária e fundamental a intervenção do professor na educação dos adultos. Essa inter-relação vai se dar de forma mais rica e dinâmica porque os aprendizes são, ao mesmo tempo, sujeitos da aprendizagem e do conhecimento.

Esse processo de ensino-aprendizagem possibilita que o facilitador e o aprendiz se encontrem, troquem ideias, socializem conhecimentos, falem sobre suas histórias, suas experiências, possam ser capazes de distribuir afetos, sonhos. Mas essas trocas sempre têm de ser mediadas pelo professor/facilitador, com instrumentos pedagógicos e psicológicos. E os alunos, à medida que vão adquirindo novos conhecimentos, também tornam-se mediadores de seus próprios colegas de turma, ajudando-os a dar novos saltos qualitativos para seus conhecimentos. Essa mediação mexe com toda a estrutura do aluno, acionando seus mecanismos cerebrais, incentivando-os para a busca de novos conhecimentos. Para alguns alunos se aprimorar desses novos conhecimentos acontece de forma mais lenta e conflituosa, mas para outros é mais rápida e tranquila.

2.3O ensino da leitura – Desenvolvimento da leitura

Quanto ao desenvolvimento da leitura, os PCNs de Língua Portuguesa preconizam a formação de leitores competentes, que sejam capazes de construir significados a partir de diversos e diferentes gêneros textuais. Para isso, os PCNs aconselham uma abordagem que combine a leitura com a escrita, dando a estas atividades o papel de serem articuladas e complementares. Ainda com base nos PCNs, é atribuído à leitura o papel de atividades de construção e elaboração de sentido, contudo, essa posição surge com a pretensão de se opor a prática da leitura como decodificação. Para os PCNs:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua... Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. (PCNs, 1997, p. 41).

Os PCNs aconselham que os alunos tenham que saber interpretar os textos e conhecer melhor seus autores, fazendo essa construção de significados, para que possam posteriormente escrever melhor seus textos. Para isso, os PCNs orientam vários tipos de leitura, seja ela silenciosa, em voz alta, individual e o desenvolvimento de diversas atividades relacionadas a essa competência linguística, tais como: projetos de leitura, atividades sequenciadas dentre outras.

Para os parâmetros curriculares nacionais, quanto à oralidade, os alunos têm que saber utilizar as mais diversas modalidades de linguagem oral, seja ela formal ou informal, isso de acordo com a sua situação de comunicação. Para isso, propõe-se a abordagem que foquem na fala, na escuta e na reflexão linguística, remetendo principalmente à atividades de leitura.

Podemos citar aqui um princípio andragógico, a “orientação para aprendizagem”. Quando o professor/facilitador aplica uma determinada matéria, o adulto irá se perguntar se está aprendendo esse conteúdo ou adquirindo ferramentas ao seu conhecimento. Temos uma orientação para

crianças e jovens que é centrada em conteúdos com determinados temas, como vemos no ensino fundamental e médio; já a orientação para aprendizagem que é dada aos adultos fica centrada na vida do aprendiz, pois eles são motivados a aprender conforme vão percebendo que o que é aprendido os ajudará a realizar as tarefas ou saber lidar com os problemas que são vividos no cotidiano. O conteúdo aplicado aos adultos não precisa ser necessariamente organizado pela lógica que já vem programada no livro, mas sim pelas experiências já vividas que estão acumuladas pelo aprendiz.

2.4O ensino da escrita – Aquisição da escrita

Quanto ao ensino da escrita e produção dos futuros textos, os PCNs orientam a articulação entre a leitura e a escrita para a promoção dessas atividades didáticas. A leitura fornece subsídios para a linguagem escrita, ora fornecendo argumentos, isto é, o que escrever, ora modelos de referência, ou seja, como escrever, remetendo, assim, à intertextualidade. Com isso, os PCN têm como objetivo formar escritores competentes.

No tocante, os PCN preconizam a utilização do texto como unidade de sentido, a fim de levar os discentes a refletir acerca da língua e dos mais diversos recursos linguísticos. Destaca-se, sobretudo, a utilização dos gêneros textuais como suporte didático na prática pedagógica, focando suas particularidades e especificidades, vendo as necessidades que o aluno possui. Isso possibilita que o aluno compreenda o funcionamento desses gêneros de texto presentes nas práticas corriqueiras do dia a dia, facilitando a futura produção de textos.

Podemos citar aqui outro modelo andragógico que é o “papel das experiências”. As experiências vividas pelos adultos serão a base do aprendizado dos mesmos. Diferente dos jovens, os adultos carregam uma bagagem de experiências maiores e isso contribui para as atividades educacionais. Por simplesmente terem vivido mais, eles acumulam mais experiências, influenciando e gerando consequências para sua educação. Por

isso, se entendermos que qualquer grupo de adultos apresenta uma diferença individual maior, em termos de motivação, necessidades, objetivos e interesses, do que um grupo mais jovem, teremos em conta que encontraremos os melhores recursos para cada tipo de aprendizagem nos próprios aprendizes adultos. As experiências dos adultos serão a base da aprendizagem, pois será a partir delas que eles irão se dispor ou se negar a participar dos programas de desenvolvimento aplicados pelo facilitador.

Os PCNs, referente à prática docente do ensino de Língua Português, trazem consigo os traços e as marcas dos mais recentes estudos das Ciências da Educação (Pedagogia), Ciências da Linguagem (Linguística) e das Ciências Psicológicas (Psicologia), rompendo com as práticas tradicionais de escolarização, que preconizavam a ênfase dada às nomenclaturas da gramática normativa.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo iremos relatar de que maneira foi realizada nossa pesquisa, o instrumento utilizado para a coleta de dados, o cenário e os sujeitos participantes da investigação.

3.1 Tipo de pesquisa

A metodologia utilizada para a realização dessa pesquisa deu-se com base em uma abordagem qualitativa, na qual se interpretaram os fatos e se buscou a solução dos problemas encontrados, a partir da observação e interpretação da realidade estudada, na medida em que se estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando são considerados de forma isolada.

Com o objetivo de comparar pedagogia x andragogia no ensino de língua materna, fez-se necessário a observação de salas de aula das séries iniciais e de salas de ensino da EJA, onde foram analisadas as aulas didáticas de língua portuguesa. Procurou-se saber como se dava o ensino de escrita, leitura e gramática nessas séries e a interação professor/aluno, a partir das orientações das duas práticas pedagógicas: a pedagogia e a andragogia.

Foram analisadas duas turmas e seu professor de língua portuguesa: uma turma do ensino fundamental I (2ª série - 3ºAno) e uma turma da EJA (Ensino de Jovens e Adultos) da Unidade Escolar Padre Madeira, que pertence à rede estadual de ensino do município de Picos, localizada precisamente no bairro Centro, na Rua Francisco Prota.

A referida escola está organizada nos seguintes níveis de ensino: Educação básica com o ensino fundamental I e II, ensino médio e EJA (educação para jovens e adultos) e funciona com turmas pela manhã, tarde e noite. A escolha dessa escola se deu devido a sua estrutura educacional, já que possui ensino fundamental nas séries iniciais e salas de EJA nas séries iniciais, fato esse, que facilitaria a busca por dados para a análise e também por uma questão de proximidade e locomoção.

As turmas escolhidas para fazer-se a pesquisa de campo foram o 3º ano do ensino fundamental I e a turma do 4º ano da EJA, já que essas duas turmas encontram-se na mesma fase de aprendizagem tanto na leitura quanto na escrita, que então se despertou o interesse de conhecer mais de perto as referidas turmas, sua realidade e confrontar-se com o tema que está sendo explanado nesse trabalho.

3.2 Passos da pesquisa

A pesquisa aqui levantada tem como objetivo identificar como se dá a aquisição da escrita, o desenvolvimento da leitura e o ensino da gramática no 3º ano do ensino fundamental I e na EJA da Unidade Escola Padre Madeira localizada no Centro de Picos; analisar como se dá a aprendizagem da escrita e da leitura e buscar compreender quais são os métodos que os professores da referida unidade escolar estão utilizando, se há realmente um incentivo para a aprendizagem da escrita e da leitura.

Primeiramente, tivemos que dividir os temas que seriam observados e abordados durante o período de observação nas turmas de séries iniciais e na turma da EJA. Ao especificarmos os assuntos a serem analisados, averiguamos a melhor turma para ser observada, onde obteríamos as melhores perspectivas de resultados para a pesquisa em questão.

Organizados os temas e as turmas a serem analisadas, partimos para a observação em sala de aula, que teria a duração de 18 (dezoito) dias para ambas as turmas, podendo esse tempo ser modificado de acordo com os dados adquiridos, sendo eles suficientes para a pesquisa ou não, assim aumentando ou diminuindo os dias de pesquisa de campo. Ao final da nossa pesquisa de campo, foram observados, no total, 10 (dez) dias no terceiro ano do ensino médio que totalizam 22 horas de aula e 08 (oito) dias na sala da EJA totalizando 17 horas de aula.

Ao adentrar em sala de aula, fez-se um levantamento em ambas as turmas com o perfil dos discentes, para termos uma melhor visão da turma do terceiro

ano, buscamos a idade de cada um, para sabermos se aqueles alunos estavam sendo alfabetizados na idade certa e o perfil dos alunos da EJA, para sabermos a idade média das pessoas que frequentam a EJA e buscam continuar seu aprendizado e adquirir mais conhecimentos depois de adultos.

Este primeiro levantamento revelou que as crianças do terceiro ano do fundamental estavam na idade certa para a sua alfabetização, entre oito (8) e nove (9) anos, mas a faixa etária encontrada na turma do EJA variou muito, indo de alunos que tinham apenas 18 (dezoito) anos até alunos bem mais velhos com 54 (cinquenta e quatro) anos, que seria a faixa etária que queríamos observar. E ambas as turmas eram heterogêneas, estando bem divididas em quantidade de meninos/homens e meninas/mulheres.

Após traçado o perfil dos alunos, observamos as aulas e analisamos a metodologia que o professor utiliza para repassar seus conteúdos para os alunos e os métodos presentes no material didático (livro de português), se ambos estão adequados para cada turma, sendo ela a de séries inicial e a da EJA.

Juntamente com a observação do professor, também foi feita a análise da escrita e leitura dos alunos, para averiguar como está essa modalidade dos alunos, se ela se encontra adequada à série destes, sendo assim, objetivamos ver se a metodologia de ensino do professor juntamente com o material didático, está tendo êxito para com o ensino da leitura e escrita dos seus alunos.

Após todos os dados recolhidos, estes foram analisados para podermos chegar a uma conclusão de como se dá o ensino-aprendizagem dos alunos das séries iniciais e turma da EJA.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo, descrevemos e analisamos, criticamente, os resultados das observações em sala de aula, sendo as turmas analisadas: 3º ano do ensino fundamental I e 4º ano da EJA (Educação de Jovens e Adultos). As observações que foram feitas se referem à aquisição da escrita, o desenvolvimento da leitura e o ensino da gramática nas turmas citadas anteriormente, onde começamos sempre pela turma do terceiro ano e posteriormente a turma da EJA.

No que diz respeito ao espaço físico, as salas das turmas observadas tem uma ótima estrutura, com ótimas carteiras, espaço amplo entre elas, central de ar condicionado e com uma boa iluminação que proporciona comodidade aos alunos, assim ajuda no aprendizado das crianças, dos jovens e dos adultos, pois o ambiente se torna agradável e confortável.

4.1 Ensino da escrita

Podemos observar que no terceiro ano do ensino fundamental I que o ensino da escrita se dá por meio de aulas didáticas e dinâmicas ministradas pelo professor de português. Ele usa o livro de português cedido pelo ministério da educação intitulado: “Porta Aberta – Letramento e Alfabetização”; formulado pelas autoras: Angiolina Bragança e Isabella Carpaneda. Nesse referido livro nos podemos fazer algumas observações quanto ao conteúdo contido nele, por exemplo, os conteúdos são vagos, possuindo poucos exemplos que ajudam o aluno a se conectar com o assunto, com poucas explicações sobre algum determinado assunto; têm a presença de muitas gravuras, que servem de apoio ao aprendizado da criança; a linguagem é bem acessível e letras grandes, que chamam a atenção do aluno.

O professor também faz uso de outros materiais complementares, como: recortes do abecedário colocados nas paredes para facilitar a visão do aluno, assim eles estarão sempre em contato com as letras do alfabeto; pinturas de

desenhos que irão ajudar na assimilação da separação silábica, como desenho de uma bola e sua separação silábica ao lado; os próprios desenhos dos alunos estão colados em um mural para incentivá-los a aprender e desenvolver a escrita, assim ajuda a facilitar a transmissão dos conhecimentos do professor para os alunos e até mesmo o aluno sozinho vendo as imagens vai absorvendo aqueles conhecimentos sobre a escrita da língua portuguesa.

Além de frases e imagens informativas, o professor sempre está em interação com os alunos, pois ao ministrar sua aula, sempre que possível, pergunta a seus alunos como se escreve aquela determinada palavra, como se dá a sua separação silábica, reforçando a absorção e o aprendizado dos alunos.

Nas aulas observadas, notamos que o professor passa muitas cópias de textos e exercícios para ajudar a melhorar a leitura e principalmente a escrita dos alunos, pois há ainda alguns casos em que há a troca /confusão entre alguns fonemas parecidos como a troca da vogal “i” pela vogal “e” e “o” por “u”, confusão essa muito comum para quem está aprendendo a ler e escrever.

Na turma em questão, não aprenderam ainda a pontuação, pois aprenderão apenas no segundo semestre, assim fica restringido à professora dizer a seus alunos quando e qual pontuação deve ser usada, sempre falando com boa entonação de voz para que todos os alunos presentes em sala de aula escutem e entendam.

Todos os alunos dessa turma já sabem escrever, com algumas dificuldades que já foram citadas acima, mas todos já têm noção do que seja a escrita, uns escrevem bem outros nem tanto, havendo na própria escola um reforço de leitura e escrita para os alunos que precisam melhorar suas habilidades.

Como já foi dito antes, o professor usa de vários materiais didáticos para ministrar suas aulas e não foi diferente ao abordar este conteúdo de separação silábica e encontros vocálicos. Para repassar aos seus alunos a matéria do mês, ele usou recortes de palavras em revistas, gravuras contendo palavras e sua separação, vários artifícios que facilitariam o entendimento do aluno na hora de aprender a divisão das sílabas.

Quando o professor estava ministrando o conteúdo, ele sempre ia passando de carteira em carteira para ver como estava o andamento de cada aluno, quais eram as dúvidas, se todos tinham entendido, observando a carência de cada um para assim poder prosseguir a aula.

Ao final do mês houve a aplicação da prova com o conteúdo ministrado pelo professor, cujas perguntas eram bem objetivas e de fácil entendimento, mas, ainda assim, vários alunos tiveram dificuldade na realização da mesma.

Na prova havia questões de separação silábica, escrita do alfabeto minúsculo e maiúsculo e encontro vocálico, a maioria para os alunos circularem as respostas. O professor nos contou que fez a prova em questão, baseando-se nos seus alunos, para facilitar o entendimento de cada na hora da realização da referida prova, mas que estava tendo muita dificuldade em sua elaboração, porque, para esta turma, ensinar a parte gramatical da língua portuguesa precisava de muita paciência e criatividade.

Na parte do ensino da gramática notamos que há sempre muitas dúvidas dos alunos quanto às regras, havendo confusão na hora de separar as sílabas, troca dos nomes dos encontros vocálicos e sempre que há essas dúvidas o professor volta a seu material didático, faz uma leitura com seus alunos e conseqüentemente uma revisão melhorada do conteúdo para o entendimento do aluno.

Em se tratando da EJA, todos os alunos da sala observada já passaram pela escola e retornaram motivados pela família ou pela necessidade de se qualificarem para o mercado de trabalho, tendo em vista o querer se atualizar e aprender mais sobre a língua portuguesa.

O ensino tanto da escrita quanto da leitura para os alunos da EJA se dá a partir de aulas dinâmicas, ministradas pelo professor, pois ele usa dados referentes ao dia a dia dos alunos, o que faz com que os estes se interessem mais pelas aulas e fiquem mais atentos.

O professor ministra sua aula em pé, sempre em interação com os alunos, pois como ele mesmo diz, e a andragogia também aborda isso, “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua própria produção

ou a sua construção”. Ao mesmo tempo em que ele ensina o seu aluno, ele também está aprendendo com ele, uma nova forma de escrever, uma nova forma de interpretar, de ver as coisas.

Notamos que alguns alunos da EJA tiveram um pouco de receio quando perguntamos se todos sabiam ler e escrever ao observarmos que estavam com dificuldade de copiar o que estava sendo escrito pelo professor. A partir dessa observação, notamos que esse receio tem um motivo, e em geral, ele existe porque o aluno tem mais dificuldade para compreender que escrever “errado” ou não saber ler direito também é uma forma de aprender, subsequente a uma maneira de alcançar o acerto. Sabendo disso, é fundamental o papel do professor passar segurança a seus alunos e motivá-los ainda mais para aprender.

Como exemplo específico desse papel, podemos mencionar uma situação observada em que o professor passou uma avaliação para os alunos, na qual eles teriam que escrever uma lista de palavras escritas, que estivessem relacionadas com o seu dia a dia, e depois classificá-las quanto à separação silábica, se era monossílaba, dissílaba, trissílaba ou polissílaba. Com essa avaliação, o professor pretendia ver como estava a escrita dos seus alunos, se poderia avançar no conteúdo ou fazer mais aulas, revisando a matéria ensinada.

Ao receber as avaliações e fazer as devidas correções, o professor percebeu um grande avanço da turma e nos relatou que a escrita já estava em melhor nível comparado ao mês anterior, pois agora todos já sabiam escrever as palavras corretamente, separá-las e classificá-las, trazendo um grande alívio e gratificação para o professor. Na entrega das avaliações, o professor parabenizou a turma e os motivou mais ainda para que o crescimento e a fome pelo saber fossem maiores a cada dia, pois eles eram capazes de estar sempre superando seus desafios.

Outra atividade didática que o professor passou para seus alunos, com o objetivo de aquisição da escrita, foi o jogo de palavras cruzadas. Nessa atividade, o aluno teria de ser capaz de preencher todos os espaços da cruzadinha e escrever todas as palavras corretamente. Com essa atividade,

aos poucos, o aluno ia percebendo e podendo observar com os resultados que cada vogal e consoante tem seu lugar certo.

De certo modo, as observações feitas nas duas turmas, tanto no terceiro ano do ensino fundamental I quanto na turma da EJA, em relação à aquisição da escrita, tiveram resultados bastante positivos, pois, nas duas turmas todos os alunos sabem escrever, tendo apenas algumas confusões quanto ao som de cada letra dentro da palavra, o que é aceitável no nível de escolaridade em que cada um se encontra.

O conteúdo que foi ministrado enquanto estávamos observando a turma da EJA, foi a separação silábica e classificação quanto ao número de sílabas. Para ministrar o novo conteúdo para seus alunos, o professor pediu que trouxessem revistas de casa que pudessem ser cortadas. Ao chegarem à sala ele pediu que cada um lê-se algum artigo que achou interessante na revista e que posteriormente recortasse palavras aleatórias. Recortada as palavras, agora eles iriam dividi-las em sílabas para posteriormente classificá-las.

Observamos que alguns alunos tiveram dificuldade em ler algumas palavras presentes nos artigos da revista, mas que todos estavam dispostos a participar da aula dinâmica, assim como aprender também. Quanto à divisão das sílabas, foi bem prático como o professor ensinou, disse todas as dicas para seus alunos, que ficaram satisfeitos com as dicas.

O professor primeiramente fez o uso dessa aula dinâmica para posteriormente passar para o livro de gramática, com isso, facilitavam o ensinamento e a absorção do novo conteúdo pelos alunos.

O professor faz as avaliações dos alunos da sala da EJA continuamente, pois como ele mesmo diz às vezes hoje o aluno não está bem, não consegue desenvolver as atividades, não consegue mostrar pra você o que ele sabe fazer naquele dia, mas às vezes outro dia ele pode mostrar o que sabe, porque, como professor de jovens e adultos, tem que entender que seus alunos têm muitos problemas, então qualquer problema emocional, financeiro, atrapalha no rendimento dele na sala de aula. Então, torna-se complicado fazer

avaliações para os alunos da EJA, por isso a importância de avaliá-los todos os dias, constantemente e progressivamente.

4.2 Ensino da leitura

Não adianta você saber escrever se não souber ler e interpretar o que está escrevendo, os PCNs afirmam que:

...é necessário que se compreenda que leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento – a escrita transforma a fala e a fala transforma a escrita. (PCNs, 1997, p. 40)

Nessa perspectiva, em que o processo da escrita e da leitura se completam e se dão de forma mútua, além das observações feitas anteriormente referentes à escrita, nos observamos também como se dá o ensino da leitura às referidas turmas.

A primeira visão que tivemos da sala de aula do terceiro ano do ensino fundamental, em relação à leitura, foi um espaço reservado para somente esta modalidade, que fica ao lado da mesa da professora, intitulado como “cantinho da leitura”. Nesse espaço, havia a presença de vários livros didáticos, sendo eles bastante coloridos e informativos, com letras grandes e com várias imagens que facilitam a leitura e a interpretação, assim, aumentando o interesse do aluno pela leitura.

O cantinho da leitura é um espaço totalmente social para os alunos, de fácil acesso, onde eles têm total liberdade para escolher o seu livro didático podendo levá-lo para ler em casa, mas ao retornarem com os livros, sempre há uma leitura “deleite”, quando o aluno irá repassar para os colegas a história contida no livro escolhido, assim reforçando a leitura e interpretação do texto. Essa é uma maneira de interação com o texto, mas que não deixa de ser uma simples “decodificação” do texto, como citamos abaixo:

...ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de

decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler. (PCNs, 1997, p. 42)

Para que os alunos não fiquem apenas com uma decodificação dos textos, uma das estratégias usadas pelo professor que nos chamou bastante atenção, que ajuda na facilitação da interpretação e compreensão do texto é o “texto cantado”, com ele os alunos vão lendo, cantando e interpretando as informações contidas no texto, fazendo uso de gestos com o corpo, que facilita ainda mais a compreensão do enredo. O professor faz uma primeira leitura do texto e depois pede para que os alunos o sigam lendo em voz alta e irem interpretando o texto para depois cantarem.

Após a didática do texto cantado, o professor aplica uma interpretação de texto, em que o aluno deverá responder a um questionário de acordo com o que entendeu do texto, o questionário ajudará na interpretação do mesmo. Este material é simples, que vai de acordo com o nível em que se encontra a turma, com perguntas objetivas e de fácil entendimento, onde o uso da didática do texto cantado é muito útil nessa interpretação, facilitando o entendimento das perguntas e subsequente das respostas.

O professor usa materiais que traz de casa para dar aos alunos, pois o mesmo diz que o livro de português não possui conteúdo suficiente para ministrar uma aula satisfatória para que possa desenvolver as competências dos alunos. Para isso, ele faz uso de exercícios de revisão e cópias para ajudar a desenvolver a leitura e escrita dos alunos.

Em uma situação em que um aluno estava com dúvidas ao escrever uma palavra, o professor mostrou a ele a importância de compreender a relação que existe entre a fala e a escrita, pois é através de uma boa leitura que iremos possibilitar um maior avanço na escrita das palavras.

Um das questões mais difíceis de trabalhar com um grupo de alunos é que todos precisam estar inteirados e no mesmo nível para que possa ter uma compreensão melhor do que se quer repassar. Na turma que observamos, havia uma aluna que tinha bastante dificuldade para ler e acompanhar os colegas, tendo em vista que todos sabem ler e apenas ela que passava por essa dificuldade, mas, a todo o momento, o professor não deixava essa aluna

de lado, sempre a integrando aos demais, usando novas formas para repassar a leitura e tirando-lhe todas as dúvidas quanto à escrita e pronúncia das palavras.

Não há muito material didático disponível na escola para essa modalidade de ensino, tendo o professor que fazer o uso dos materiais referentes a outras séries e adaptá-los a sua realidade, como o cantinho da leitura, mencionado anteriormente. O professor da EJA faz o uso desse mesmo material didático para seus alunos, mas com pequenas adaptações, pois ele insere a história de um livro na realidade vivenciada pelo aluno, sempre perguntando e interagindo com a turma.

Há um momento em que o professor lê para a turma textos diversos, principalmente textos interativos, de gêneros variados para que o repertório da turma seja amplo e variado. Antes de iniciar a leitura, ele apresenta o material a ser explorado e ao final da leitura ele retoma a conversa com os alunos, estimulando opiniões e questionamentos sobre o conteúdo.

Essa atividade tem como objetivo inteirar os alunos com a intenção de formar estudantes como usuários competentes da leitura e da escrita e, para isso, é preciso que eles vivenciem dentro da sala de aula práticas semelhantes às que são realizadas fora da escola. Assim, o aluno aprende os usos e as funções da escrita, as características de cada gênero textual e as diferenças entre língua oral e escrita.

Quando o professor pede para que alguns alunos leiam um texto em voz alta, mais uma vez eles se apresentam receosos, com medo de errar. O professor não força o aluno a ler, deixando essa atividade livre para quem quiser ler em voz alta e ressaltando que é lendo que se aprende a ler, mesmo que não saiba fazê-lo convencionalmente. Com essa prática o aluno passa a desenvolver uma melhor oralidade e a capacidade de articulação correta das palavras, mas que conseqüentemente não viria a desenvolver a capacidade crítica e cognitiva de interpretação dos textos.

Nessa atividade, observamos que os alunos que se despuseram a ler, leram corretamente e pausadamente e, ao mesmo que eles iam lendo, iam

tentando interpretar o texto e todo o restante da turma ia acompanhando com os olhos e ouvidos bem atentos e alguns até ajudavam o colega quando estava com dificuldade na leitura de determinada palavra. A interpretação que os alunos iam fazendo no decorrer do texto, nos a teríamos como equivocada, pois eles estão apenas, com essa atividade, apresentando a pronuncia correta das palavras que ainda não é interpretação. Mas, posteriormente ao texto lido, o professor fazia perguntas referentes ao que o aluno leu, fazendo assim, se constituir uma atividade de interpretação.

Em todas as habilidades necessárias para o dia a dia, saber ler e escrever é de fundamental importância para o homem e é dever da escola ajudar esse homem nas suas necessidades, pois sem ela as pessoas iriam passar a vida estagnada e alheia aos outros, sempre dependentes em relação à leitura ou escrita de determinadas palavras.

As observações feitas nas duas turmas, tanto na do terceiro ano do ensino fundamental I, quanto na turma da EJA, revelou que o ensino da leitura ainda não é satisfatório, pois percebemos que ainda há grande dificuldade na absorção da ideia de que é necessário escrever, ler e interpretar o que está sendo lido, para que haja um maior aproveitamento dos conhecimentos que irão adquirir.

Depois de observados a escrita e a leitura dos alunos, passamos a observar também o ensino da gramática, pois a língua portuguesa parte além desses dois princípios e que não adianta apenas ler e escrever se não souber como se lê e se escreve. Segundo os PCNs:

Formar escritores competentes supõe, portanto, uma prática continuada de produção de textos na sala de aula, situações de produção de uma grande variedade de textos de fato e uma aproximação das condições de produção às circunstâncias nas quais se produzem esses textos. (PCNs, 1997, p. 49).

Partindo dessa perspectiva, já vimos que escrita e leitura andam juntas, mas para que essas práticas sejam aprimoradas, precisaremos saber da gramática da língua portuguesa, que ajudará nesse processo de aprendizado, então abordaremos no próximo tópico como se dá o ensino da gramática.

4.3 Postura do professor na sala de aula

O papel do professor é muito importante, quando se trata de mediador dos conhecimentos, porque para que seus alunos possam se desenvolver plenamente, a função do educador é propiciar aos seus educandos possibilidades para que eles mesmos possam construir seus conhecimentos e ampliar suas capacidades sociais, afetivas e principalmente cognitivas.

O professor tem que levar em consideração os conhecimentos prévios de seus alunos, para que a partir daí, possa oferecer caminhos que irão expandir seus conhecimentos, traçando estratégias para que o aprendizado aconteça de maneira satisfatória.

Em relação às orientações didáticas, os PCNs preconizam que o professor passe a ser considerado mediador na construção social do conhecimento do aluno, em contraposição à postura preconizada pelos modelos teóricos tradicionais, pelos quais o professor era concebido como centro dos processos de ensino e de aprendizagem.

Iremos nomear nesse capítulo os dois professores observados durante a pesquisa de campo como: Professor “A” (turma do terceiro ano do ensino fundamental I) e Professor “B” (turma da EJA), para podermos ter uma melhor distinção entre os dois.

Nas observações feitas na sala do terceiro ano do ensino fundamental, a primeira coisa que o professor A sempre faz, é organizar a sala de aula, cada aluno em seu devido lugar, ver se todos trouxeram o material didático necessário para a aula, para depois dar início à aula. O professor B ao chegar à sala de aula da turma da EJA, sempre faz uma dinâmica com seus alunos, perguntando como foi o dia deles, se estão para bem aprender e assim para posteriormente dar início à aula.

O professor A sempre manteve uma postura firme, com boa entonação de voz, ministrando suas aulas em pé, sempre em interação com os alunos, fazendo perguntas para saber se todos estão inteirados com o assunto,

conversando sobre o tema ministrado, fazendo o uso de gestos que auxiliam na compreensão do conteúdo.

O professor B tem uma postura parecida com a do professor A, mas que elas se diferem quanto ao modo de cada um tratar seus alunos, pois como o professor B ministra aulas para alunos adultos, fica mais fácil a interação e o diálogo com eles, assim o professor B trata seus alunos de igual para igual. Partindo dessa perspectiva, o processo de ensino-aprendizagem da andragogia vai ocorrer por meio da inter-relação entre sujeitos que serão mediados por um objeto de conhecimento, o facilitador, e por sistemas de comunicação (fala, vídeos, etc.). Os aprendizes estão sempre em situações de trocas intelectuais e afetivas, em contínua socialização de suas experiências e saberes. Lindeman (1926, p.8), afirma que:

Na educação convencional é exigido do estudante ajustar-se ao currículo estabelecido; na educação de adulto o currículo é construído em função da necessidade do estudante. Todo adulto se vê envolvido com situações específicas de trabalho, de lazer, de família, da comunidade, etc. - situações essas que exigem ajustamentos. As matérias (disciplinas) só devem ser introduzidas quando necessárias. Textos e professores têm um papel secundário nesse tipo de educação; eles devem dar a máxima importância ao aprendiz.

De acordo com as necessidades do aluno adulto, é que o professor/facilitador tem que ir construindo os conhecimentos adequados para repassar para seu aprendiz, assim, havendo uma maior socialização de saberes entre o educando e o educador e principalmente entre os próprios alunos dentro e fora do ambiente escolar.

Nos PCNs há um princípio básico para a educação que deve partir do que os alunos já sabem sobre o que pretende ensinar e focar o trabalho nas questões que representam as dificuldades para que adquiram conhecimentos que possam melhorar sua capacidade de uso da linguagem.

Então para que possamos ter melhores metas de aprendizados, temos que estar sempre em interação com o aluno, saber de suas necessidades e dificuldades, sempre ter em mente que você, enquanto professor, ensina para o futuro do seu aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A andragogia é “arte e a ciência destinada a auxiliar os adultos a aprender e a compreender o processo de aprendizagem de adultos” Knowles (1970, p. 43). É um modelo de ensino, que foi criado em contraposição à pedagogia, sendo, assim, um modelo que reúne uma série de princípios que visam facilitar a aprendizagem nos adultos. A andragogia busca entender o adulto, considerando seus aspectos sociais, psicológicos e biológicos.

Para Freire (1994), os métodos pedagógicos não se aplicariam aos adultos, pois o adulto se relaciona de maneira diferente de uma criança em relação à educação que lhe é dada. Sendo assim, os métodos didáticos teriam que ter uma “adaptação” para a educação dos adultos, pois o adulto como o sujeito da sua própria educação, o professor passa a ser a fonte que irá alimentar o adulto, adicionando conhecimento aos do educando, assim o educador contribuirá para o aumento do reservatório de conhecimentos do aprendiz.

Ao analisarmos a pedagogia e a andragogia, percebemos que as duas áreas tem em comum o “aprendizado” como objeto de estudo, mas que se diferenciam em diversas características metodológicas, podemos perceber que as duas áreas de ensino-aprendizagem aparentemente são semelhantes, pois tem o objetivo de transmitir os conhecimentos, mas são diferenciadas na maneira como passam esses conhecimentos e ao seu alvo de ensino, pois uma educa crianças e a outra adultos.

Na metodologia andragógica o professor/facilitador precisa se reconhecer como um elemento de fundamental importância na vida do seu aluno, que por muitas vezes trabalha muito, viaja várias horas até chegar na sala de aula, procura superar as dificuldades para alcançar o objetivo maior que é a conquista de mais uma etapa da vida comprida, aprender a ler, escrever e interpretar a língua portuguesa. Além disso, levará para sempre os ensinamentos adquiridos e colocará em prática estes conhecimentos na sua vida profissional e pessoal.

Os docentes também devem estar preparados para além da arte de ensinar, terem a arte de dialogar com seus alunos. Não basta apenas ser um bom pesquisador, também se faz necessário que o docente seja um transmissor de conhecimentos e um bom ouvinte, com uma boa maturidade para modificar a sua ação pedagógica sempre que for necessário para sua turma e seus alunos.

Quanto mais experiências e receptividade os aprendizes demonstrarem e quanto mais competente a mediação do facilitador for, mais a aprendizagem acontecerá de maneira satisfatória. Acontecendo aqui ações simultâneas: o professor enquanto ensina aprende e o aluno enquanto aprende ensina.

Para um adulto, aprender aquilo que devem saber e que precisam para se habilitar às necessidades do dia a dia é muito mais viável. A prontidão para aprender, isto é, a facilidade para aprender que os adultos tem, pode ser introduzida por intermédio de exposições a exercícios de simulação ou outras técnicas parecidas. Essas experiências de aprendizagem devem estar sincronizadas com as tarefas que serão desenvolvidas, assim, quando alguma ocasião exigir algum tipo de aprendizagem que estiver relacionada ao que vai ser executado, o adulto vai estar adquirindo prontidão para aprender, isso significa que terão mais facilidade para assimilar o conteúdo/situação.

A Unidade Escolar Padre Marcos constitui uma instituição pública, que, assim como muitas escolas, apresentam em seu contexto educacional diversos problemas em relação à falta de interesse dos alunos, principalmente na leitura e discursão de textos, por mais que tenham incentivo dos professores e gestores escolares dentro e fora da sala de aula, falta a iniciativa dos alunos para o querer aprender mais.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACESSO: Revista de informação e informática/Centro de Informática Educacional, Fundação para o desenvolvimento da Educação- Ano1 n. 2(jul/dez.1988)- São Paulo: FDE, 1988.

BRASIL. MINISTÈRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 1997.

BRASIL. MINISTÈRIO DA EDUCAÇÃO. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL – LDB. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: junho de 2015.

CARVALHO, M.A.V. Relação professor/aluno: Fatores intervenientes tendo em vista a aprendizagem. Semina, 16, Ed. Especial, 57-65, 1995.

GERMANO, José Willington. Estado militar e educação no Brasil (1964-1985). São Paulo: Cortez, 1994.

NEVES. Fabrício Monteiro. O método Lancasteriano e o projeto de formação disciplinar do povo (São Paulo, 1808-1889). 2003. 293 f.

FERREIRA, Maria da Conceição de Lima; OLIVEIRA, Sônia Macedo de. Andragogia ou Pedagogia na Educação de Adultos? (texto). Disponível em: <http://cliente.artigo.com.br>. Acesso em: junho de 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra. Rio de Janeiro: 1987.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Vozes, 1985.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança. São Paulo: paz e Terra. 1994.

KNOWLES, Malcolm The Adult Learner – A Neglected Species, Paris: Ed. d'organisation, 1973.

KNOWLES, Malcolm S. **The modern practice of adult education: andragogy versus pedagogy**. New york: association press, 1970.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Revista Brasileira de Educação. Associação Nacional de Pós-Graduação – ANPED. Set/Out/Nov/Dez 1999, São Paulo.

PAIVA, JANE. Os sentidos do direito à educação para jovens e adultos. Rio de janeiro: dp et alii, 2009.

SAVIANI, Demerval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo, Cortez, 1980.

SAVIANI, Demerval. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 8ª ed. Editores Associados, 2003.

UNESCO. Década das Nações Unidas de Educação para o Desenvolvimento Sustentável. 2005-2014.

VASCONCELLOS, S. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. São Paulo: Libertad, 1999.

VIEIRA, Elaine; VOLKIND, Léa. Oficinas de Ensino: O quê? Por quê? Como? Porto Alegre: EDUPUCRS, 2000.

VÓVIO, Cláudia Lemos. Viver, aprender: educação de Jovens e Adultos (Livro 1) São Paulo: Ação Educativa: Brasília: MEC, 1998.

VYGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. Tradução: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L.S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone; Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

VYGOTSKY. Pensamento e Linguagem. Tradução: Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZAGURY, T. Relação professor/aluno, disciplina e saber. Pátio: Revista Pedagógica, 2(8), 9-12, 1999.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Susana Ellen Dutra Feitosa,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
A andragogia e a pedagogia no processo de ensino - aprendizagem de língua portuguesa na 3ª série do ensino fundamental e na turma da EJA da escola municipal em Picos-PI.
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 28 de setembro de 2016.

Susana Ellen Dutra Feitosa
Assinatura

Assinatura